



IDENTIDADES PROFISSIONAIS E TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DA ÁREA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

PROFESSIONAL IDENTITIES AND TEACHING WORK: A CASE STUDY WITH PROFESSORS OF THE INFORMATION TECHNOLOGY AREA

Maria Soledad Etcheverry Orchard¹
Ivy Daniela Monteiro Matos²

Resumo: A nossa pesquisa partiu da discussão de como a docência se inseriu na trajetória profissional dos professores da área de Tecnologia da Informação. Um processo específico de construção da identidade profissional começou a ser construído, arrolando diversos recursos. Todos afirmam estarem felizes sendo professores, consequência dos processos de construção dessa identidade profissional. Para tal, utilizou-se de entrevista oral semiestruturada.

Palavras-chave: Identidades Profissionais; Trajetórias Profissionais; Trabalho Docente; Sociologia das profissões.

Abstract: Our research started from the discussion of how the teaching was inserted in the professional trajectory of the professors of the area of Information Technology. A specific process of building the professional identity began to be constructed, listing various resources. Everyone claims to be happy being teachers, a consequence of the processes of building that professional identity. For that, a semi-structured oral interview was used.

Keywords: Professional Identity; Professional Path; Teaching Profession; Sociology of professions.

Introdução

O conceito de profissionalização caracteriza um processo formativo que tem na inserção profissional o significado social, defende

1 Graduada em Ciências Sociais pela UFSC. Doutora em Sociologia e Antropologia pela UFRJ. Professora associada da UFSC. E-mail: Maria.soledade@terra.com.br

2 Graduada em Letras pela Unimontes. Mestra em Sociologia Política pela UFSC. Docente do IFNMG. E-mail: ivy.monteiro@ifnmg.edu.br

Franzoi (2006). Logo, faz-se importante construir a definição de trajetórias e identidades profissionais:

A relação entre identidade e trajetória profissional se constitui na medida em que o sujeito se identifica a partir do que planeja para a sua vida profissional e de como esse planejamento se materializa, tanto concretamente quanto na percepção dos demais sujeitos e de si mesmo. A materialidade desse processo é o que chamamos de trajetória profissional.

Para Gomes (2002), o conceito de trajetórias engloba as relações das dinâmicas estruturais e das decisões individuais, conjugando as ações de empregabilidade com as significações e representações dos sujeitos. O conceito de transição agrega o aspecto, por vezes dinâmico, não linear, das trajetórias profissionais.

Dessa forma, é fácil conceber como o trabalho, elemento estruturante das relações sociais, constitui a identidade, construída socialmente, de forma processual, produto de sucessivas socializações, entre elas a socialização profissional.

Os espaços de trabalho constituem-se como espaços de socialização com diferentes sujeitos. Por isso Dubar (2005), estudando como as identidades se constroem na empresa, atribui a ela lugar importante na socialização secundária dos trabalhadores.

As categorias de identificação revelam um movimento da busca da identidade para o outro e para si, fundamentadas nos eixos, respectivamente, relacional e temporal (eixo biográfico), que se combinam para formar as formas identitárias. Com isso, Dubar (2009, p. 14) afirma que os processos identitários são múltiplos, variáveis e dinâmicos:

O que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto. Essa maneira de identificar são de dois tipos: as identificações atribuídas pelos outros (o que chamo "identidade para outrem") e as identificações reivindicadas por si mesmo ("identidade para si"). Pode-se sempre, com efeito, aceitar ou recusar as identidades que lhe são atribuídas. Pode-se identificar-se de modo diferente daquela que é praticada pelos outros. É a relação entre esses dois processos de identificação que está no fundamento da noção de formas identitárias. Essas constituem, portanto, sistemas de denominação, historicamente variáveis, que ligam identificação por e para Outrem e identificações por e para Si. (Dubar, 2009, p. 14)

As denominadas formas identitárias, a identidade para o outro, constroem-se sobre o alicerce da comunidade. "Quer se trate de "culturas", ou de "nações", de "etnias" ou de "corporações", esses grupos de pertencimento são considerados, pelos Poderes e pelas próprias pessoas como fontes "essenciais" de identidades" (Dubar, 2009 p. 15).

As formas societárias, a identidade para si, "supõem a existência de coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem por períodos limitados e que lhes fornecem recursos de identificação, que eles administram de maneira diversa e provisória" (Dubar, 2009 p. 15).

Chama-nos atenção o recurso manipulável das formas identitárias, o poder de definição individual nesse processo, o que nos impõe pensar sobre quais recursos o sujeito coloca em prioridade na administração dos seus processos de identificação, considerando as escolhas pessoais nesse processo.

O conceito de identidade profissional vem já atrelado a uma discussão sobre a crise da identidade profissional (Dubar, 2009). As mudanças de mercado e dos meios de produção colocam os ofícios em crise. Atualmente, a estabilidade dos mercados é tênue, os empregos passam por crises, os trabalhos sofrem mudanças de configuração.

Para Dubar (2005), a identidade profissional implica a relação entre as trajetórias individuais e os sistemas de emprego e de formação. Toda a carga social na construção da trajetória profissional, a expectativa construída pelo sujeito sobre a sua própria trajetória, a avaliação feita pelos demais sujeitos sobre o seu perfil profissional e a autoavaliação incorporada do seu desempenho e perfil definem, para o autor, a identidade profissional.

As representações sociais compreendem o figurativo, ou o lado imageante, e o lado simbólico, o que aquilo simboliza socialmente. "A possibilidade real de confrontação, portanto, nos é dada por um outro espelho da vida cotidiana – a face de um Outro, os olhos de um Outro, o gesto de um Outro". (Guareschi e Jovchelovitch, 2003, p. 70)

Metodologia

Para analisar esta questão, foram realizadas entrevistas orais semiestruturadas com sete docentes da área de Tecnologia da Informação (TI) do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

(IFNMG) Campus Januária, representando 46,66% do total do *corpus*. A seleção dos entrevistados preocupou-se em atender certos critérios, tais quais: diversos gênero e níveis de qualificação; diferentes tempos de trabalho na instituição; com e sem outras experiências profissionais; se participou ou não da abertura de algum curso na instituição.

Resultados e discussões

Inicialmente, a pesquisa revelou que nenhum desses docentes planejou ser professor. A docência se interpôs em suas trajetórias profissionais através da política de criação dos Institutos Federais no Brasil (Lei nº 11.892/2008), o que promoveu a ampliação das escolas de educação profissional, autorizando-as a abrirem cursos superiores.

Como profissionais formados para atuar em empresas ou como empreendedores construíram a identidade profissional de professores, recebendo a nomenclatura de Professor EBT³T (professor de educação básica, técnica e tecnológica)?

O processo percorrido por estes docentes demonstrou que houve uma ressignificação da docência através dos valores agregados, essenciais para a construção da sua identidade profissional, que necessitou negociar a identidade do profissional de TI com a identidade de professor:

O valor agregado à área

Ao serem solicitados para que se identificassem, foram recorrentes respostas como: “sou professor do Instituto Federal” ou “sou professor de informática EBT³T”, ou “atuo como docente do IFNMG”. Três entrevistados não se referiram a identificação profissional, mas à sua formação “formação em analista de sistema”; “sou analista de sistema”.

Ser professor de informática o distingue de apenas ser professor. Associa-se logo a uma condição de outro nível de ensino (técnico ou superior). A nomenclatura realça um conhecimento técnico distinto de outros conhecimentos, supervalorizado na sociedade moderna.

Ao falarem da decisão de serem professores, de prestarem o concurso público para o cargo, uma resposta realçou bastante as

dicotomias nas representações dos perfis profissionais do profissional de TI e do professor:

Meus irmãos falaram: 'não faça concurso público, você vai ficar engessado, todo o processo de inovação que você gosta vai acabar. O processo público é burocrático, você é uma pessoa dinâmica, você não vai aguentar, blábláblá'. Uma parte do que eles profetizaram aconteceu de verdade, mas hoje eu não me sinto engessado. (...) Por eu ter dois amigos que estavam no IF eles me disseram: 'cara, vem para o IF'. Eu amo o IF. (Entrevistado 05)

Esta resposta explicita que houve um momento de ruptura, principalmente do perfil de TI, como um profissional arrojado e inovador (BOZZANO, 2013) e ainda uma categorização do trabalho docente como o inverso, ou seja, engessado, burocrático, sem inovação. Por si só, estas concepções já demarcam a representação social que o docente e as pessoas que convivem no seu entorno constroem sobre ambas as carreiras. Aproveitando-se deste nicho de mercado, acabam tornando-se professores e vão construir uma identidade profissional que preencha as lacunas na representação social de ambas as profissões: profissional de TI e professor.

O valor agregado à autonomia

Expressões identificadas nas entrevistas, tais como: "passar o conhecimento"; "ter o domínio da situação, do conhecimento" partem de uma conotação dos papéis ativo do professor (e por isso autônomo), frente à posição passiva do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Diniz (1998), discutindo a proletarização dos profissionais, defende que o conhecimento técnico impede os profissionais (em sua pesquisa os médicos, dentistas, arquitetos e advogados) de sofrerem a alienação técnica através das gerências. Podem até sofrer a alienação econômica e organizacional, mas o conhecimento que detém não é compartilhado pela sua gerência, fazendo com que permaneça sob o controle da profissão e dos profissionais. Esta relação é análoga aos docentes da educação profissional e localiza-se como um importante fator que relega ao professor as decisões sobre sua atuação em sala de aula. Isto dá a ele uma correlação da autonomia que teria se fosse um autônomo, por exemplo, ajudando-o na construção da sua afirmação profissional como docente. Evidente que esta discussão demanda uma

reflexão sobre os conceitos de autonomia e autoridade, o qual não cabe neste trabalho, bem como das consequências (negativas ou positivas) desse quadro.

O valor agregado ao nível de ensino

Mais prazer no superior. (...) Aquilo rende mais fruto, seja o aluno que rende de fato e consegue fazer um projeto de pesquisa. (Entrevistado 03)

O fato é que as modalidades de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) e as esferas do serviço público (municipal, estadual e federal) representam espaços hierarquicamente distintos quanto ao ganho, à representação social e às atividades dos profissionais da educação, mesmo que as pesquisas recentes descortinem as relações de trabalho precarizadas no ensino superior. No entanto, para a nossa pesquisa, vale-nos a posição que os professores universitários gozam no topo dessa pirâmide da valorização profissional e reconhecimento social, e como tem servido de parâmetro para a construção da identidade dos professores do IFNMG.

O valor agregado à formação

“Quando vêm por perto um docente que não tem mestrado ou doutorado começam a falar sobre isso, sobre pesquisa, sobre artigos científicos, coisas que ele nem estavam falando naquele momento”. (Entrevistado 01)

O plano de carreira exige a qualificação: quanto mais qualificado, maior o salário. Os processos de construção da identidade exigem a qualificação: quanto mais qualificado, mais distante do professor da educação básica e mais próximo do professor de nível superior. Mas a resposta acima revela um juízo de valor, ao classificar o profissional como melhor ou pior a partir do seu nível de qualificação.

O Valor agregado à dimensão afetiva

A gente se sente muito útil. Eu vou fazer parte da vida daquele aluno. Talvez como profissional de TI isso seria reduzido. Eu lembro

dos meus professores e quero que os meus alunos se lembrem de mim. Você participar da vida de outras pessoas é muito bom. (Entrevistado 02)

Esta fala revela os instrumentos colocados em jogo na construção desta identidade: é uma profissão que o fará ser lembrado, que, de certo modo, perpetuará sua atuação profissional, confirmando o caráter relacional na construção da identidade.

O valor agregado à atividade de pesquisa

O professor se valoriza mais pela sua atividade na pesquisa que no ensino?

Eu acho que sim, porque a pesquisa, quando a gente obtém um resultado: um artigo, uma publicação, acaba indo para o currículo Lattes. Então, é ali que está a vida do profissional. Quando eu estou atuando só no ensino, não tem lá no Lattes que eu dou tantas aulas por dia, lá não fala qual a matéria que eu sou muito bom e que eu estou ensinando, não fala de um projeto que o aluno desenvolveu na casa dele porque ele aprendeu o que eu ensinei em sala de aula. (Entrevistado 01)

Reforça-se a discussão feita por Franzoi (2006) sobre o papel da qualificação nas relações de trabalho, ao mesmo tempo em que se aproxima de um trabalho almejado. A relação com a pesquisa aproxima o fazer docente do professor da educação profissional do fazer docente do professor das universidades.

O valor agregado à instituição

É comum a citação da instituição logo depois da profissão. Designar-se como professor do Instituto ou do IFNMG agrega logo a esfera federal à sua condição de servidor público e de docente. Isso o destaca dos demais professores da educação básica quanto ao ganho, quanto às atividades que desenvolve, quanto às condições de trabalho. Em algumas entrevistas, solicitamos relatos sobre esse tipo de valoração:

Aqui na cidade nossa, principalmente por ser uma cidade menor, (...) as pessoas meio que elitizam a gente. O retorno financeiro é acima da média da cidade. Quando as pessoas descobrem que nós somos do Instituto elas tratam um pouquinho diferente. (Entrevistado 07)

Este comportamento parte de uma cultura difundida localmente quanto ao *status* social do profissional.

Todos se declaram muito felizes com a profissão. Por isso perguntamos se seriam docentes fora do Instituto Federal:

“(Resposta imediata) Provavelmente não”.
(Entrevistado 06)

“Eu não sei. Dependeria da oportunidade que aparecesse”. (Entrevistado 02)

A docência em si não completa essa identidade profissional. É a docência mais uma gama de estruturantes oferecida pelo Instituto Federal.

Considerações finais

O sentimento de ser professor agrega-se a uma gama de outros fatores construídos socialmente, que respaldam a identidade profissional dos entrevistados.

É perceptível que há uma negociação, um gerenciamento particular entre a identidade gerada pela formação profissional e a identidade da inserção profissional, para os professores da educação profissional, formados para exercerem atividades técnicas. A sobreposição da técnica à atividade pedagógica, as qualificações adjacentes (professor "do IFNMG") para significar a sua inserção profissional, bem como os valores agregados a esta profissão passam a ser estratégias utilizadas para construir a sua imagem profissional, tanto no espaço pessoal quanto no social, em um processo nomeado por Dubar por identidade narrativa.

Não há uma única identidade, elas se aglutinam, se comungam, são geridas e negociadas, nem sempre em um processo igualitário. Às vezes, uma se sobrepõe, às vezes outra, esse é o jogo jogado por todos os indivíduos nas relações sociais. Se nesse momento a identidade da formação profissional sobrepõe a da inserção profissional, essa relação pode ser alterada, dependendo dos interesses, do momento histórico, das representações que se deseja construir.

O que este trabalho demonstra é que a carreira docente pode fundamentar de modo mais amplo a identidade profissional de todos os professores no Brasil. Os caminhos que a ressignificam foram citados

nas trajetórias de trabalho dos entrevistados: condições de trabalho, valorização financeira, possibilidade de exercer atividades de pesquisa e extensão, condições de qualificação, o bom ambiente de trabalho. Esses são pontos essenciais para as políticas de educação, que devem passar pela valorização do professor e da sua atividade de trabalho.

Referências

BOZZANO, Gabriel Souza. **Os sentidos do trabalho de TI pelos incubados no Midi Tecnológico/SC: a empregabilidade num mundo conexonista**. 1. ed. Em Debate, 2013. 179 p.p

DINIZ, Marli. **Repensando a teoria da proletarização dos profissionais**. In Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 165-184, maio de 1998

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação**. São Paulo: EDUSP, 2009

FRANZOI, Naira Lisboa. **Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006

GOMES, Maria Soledad E. O. **Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro**. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **LEI nº 11.892/2008** - cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em www.planalto.gov.br

Recebido: 22/05/2017

Aprovado: 24/11/2017

IDENTIDADES PROFISSIONAIS E TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DA ÁREA DE
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO